

A Septuaginta (LXX): a Torá na diáspora judaico-helenista

The Septuagint (LXX): the Torah in the Hellenistic Jewish diaspora

Pedro Paulo Alves dos Santos*

Resumo: A versão da LXX é uma obra de tradução, por isso mesmo, pode ser entendida como uma obra de interpretação. Enquanto projeto de tradução do Pentateuco, e posteriormente, de todos os textos hebraicos à disposição, é considerada como a Torá greco-helenística. Nesse sentido, a versão constituiu-se numa obra da exegese judaica antiga. Neste artigo iremos abordar esta questão em uma dupla face. De um lado, como uma exigência da comunidade judaica imersa no Helenismo, obra dos judeus de Alexandria, entregue à Biblioteca de Ptolomeu IV. Do outro, sua fortuna crítica.

Palavras-chave: Tradução. Torá. Helenismo.

Abstract: The version of the LXX is a work of translation, therefore, can be understood as a work of interpretation. While the Pentateuch translation project, and subsequently all Hebrew texts available, is regarded as the Torah Greek-Hellenistic. Accordingly, the version was a work of ancient Jewish exegesis. In this article we will address this issue in a double-sided. On the other hand, as a requirement of the Jewish community immersed in Hellenism, the work of the Jews of Alexandria, delivered to the library of Ptolemy IV. On the other, his critical fortune.

Keywords: Translation. Torah. Hellenism.

Au III^e siècle avant notre ère, à Alexandrie, la Bible hébraïque fût traduite en grec: plus exactement, les cinq livres qui forment ce que nous appelons le Pentateuque, la Loi juive, La Torah. A Jusqu'a former, aux alentours de l'ère chrétienne, l'ensemble des livres grecs que nous que nous appelons la Bible des Septantes, ou plus simplement, la "Septante".

Marguerite Harl

Introdução

A versão da LXX é uma obra de tradução, por isso mesmo, pode ser entendida como uma obra de interpretação. Enquanto projeto de tradução do Pentateuco, e posteriormente, de todos os textos hebraicos à disposição, a LXX é considerada como a Torá greco-helenística. Nesse sentido, a versão da LXX constituiu-se numa obra da exegese judaica antiga (SMEND, 1996). Neste artigo iremos abordar esta questão em uma dupla face. De um lado, o seu berço. Essa tradução teria emergido como uma exigência da comunidade judaica imersa no Helenismo (PREAUX, 1975), obra dos Judeus de Alexandria, entregue à Biblioteca de Ptolomeu IV, no século 3? (VERMES, 1983). Do outro, sua fortuna crítica. Essa tradução percorreu todo o período intertestamentário e depois o período da formação do Cristianismo, sendo ela mesma, versada para diversas línguas antigas, orientais e ocidentais. Harl denomina a fortuna dessa empreitada da comunidade judaica no Egito como *La Septante Mère de traductions multiples*.

Mesmo que nessas traduções tenha-se a cotejado com textos massoretas, sua influência permanece ainda, evidente: "La LXX a été traduite em de nombreuses langues orientales et occidentales. Et même lorsque, dans le domaine linguistique, les traducteurs ont eu recours à l'hébreu, il y a toujours une influence indirecte de la LXX" (HARL, 1988, p. 330). Seguirei, por

meio dos estudos de Marguerite Harl (1986, 1988, 1992), em vista de expor um exame sucinto diante de uma complexa questão: qual foi o significado da tradução da Torá, em grego, para a compreensão do Judaísmo helenístico? E, qual seria o seu papel na redação e na elaboração da tradição hermenêutica do Novo Testamento? Para isso, dividi este ensaio em três partes: uma introdução sobre quem é Marguerite Harl; uma reflexão sobre a LXX que teria sido ou não a Bíblia Grega dos Judeus Alexandrinos; e, por fim, uma consideração sobre a LXX como o AT dos cristãos na Antiguidade.

1 Marguerite Harl

S'il y a aujourd'hui en France des recherches nombreuses et fructueuses sur la Bible grecque des Septante, c'est largement à Marguerite Harl, professeur honoraire à l'Université Paris IV-Sorbonne, que nous le devons.

Dorival e Munique

Este ensaio explorará, não sem razões bem fundadas, uma parte da extensa obra de Marguerite Harl. Pois, de fato, essa estudiosa francesa é a precursora na renovação da atual e numerosa pesquisa sobre a Bíblia Grega dos Setenta. Atualmente, ela é professora honorária na Université Paris IV–Sorbonne. No início de sua carreira universitária, Harl lecionava e pesquisava como especialista em Filão de Alexandria e na Literatura do Cristianismo Tardo-antigo. Em 1966, elaborou uma tradução crítica sobre um dos tratados de Filão. Quanto à literatura dos Padres da Igreja, em 1960, ela traduziu uma das homilias de Clemente de Alexandria. Também se ocupou com Orígenes, objeto de sua tese de *doctorat d'État*, em 1958. Além de Gregório de Nissa, a quem consagrou um Colóquio, editado em 1971.

Durante seu longo magistério, Harl foi se convencendo, assim como aos seus alunos, sobre a fundamental importância da Bíblia grega dos Judeus de Alexandria (Setenta). Para Harl, a Septuaginta não foi apenas uma tradução. A partir da história dessa obra de tradução e interpretação helênico-judaica da Torá, constata-se, na verdade, a plataforma, ou melhor, o *start* de múltiplos processos exegéticos (leituras) específicos e sucessivos a LXX, tanto do Judaísmo antigo e helenista quanto do Cristianismo antigo. Assim: “Que la Septante était non seulement une traduction, mais aussi un texte considéré comme original, qui a été le point de départ des lectures spécifiques tant dans le Judaïsme (Philon) que dans le Christianisme (Le Nouveau Testament, les Pères)”. (DORIVAL et GILLES, 1995, p. 7.)

A partir daquele momento ela amadurece, paulatinamente, um ousado projeto: a tradução francesa, com um atualizado aparato crítico, *annoter*, da Antiga Bíblia Grega. Assim, em 1986, ela funda a coleção *La Bible d'Alexandrie*. E com a colaboração de diversos pesquisadores (muitos deles seus ex-alunos) essa tradução já ofereceu ao público francês os primeiros cinco textos da Bíblia, o Pentateuco, com a pretensão de traduzir e comentar todos os outros livros. Para a consulta de sua biografia literária, é necessário percorrer os dois campos que tornaram notórios mundialmente a sua obra: os estudos críticos sobre a LXX, a que remetemos como referência: *La langue de Japhet. Quinze études sur la Septante et les grecs des chrétiens* (1992) e para os seus estudos sobre os Padres da Igreja, no contexto da Antiguidade tardia: *Le Déchiffrement du sens. Études sur l'hermeneutique chrétienne d'Origène à Gregoire de Nysse* (1993). Em ambos encontramos uma vasta bibliografia da autora. Além desses, temos uma panorama atualizado por ela mesma de toda a sua produção, no artigo: *La Bible d'Alexandrie et les études sur la Septante. Reflexions sur une expérience*. (HARL, 1993, p. 313-340)

2 LXX: A Bíblia grega dos judeus alexandrinos

2.1 Uma breve introdução histórica da hermenêutica bíblica judaica

Tratava-se, segundo Trebole, da única fonte, até as descobertas de Qumran, da tradução da Bíblia hebraica, fixada posteriormente (século I e II d.C) e das ideias do judaísmo alexandrino e palestinese. A criação da exegese judaica ocorreu, assim, no período anterior à revolta macabeia. Grande número de “correções” (*tiquê soperin*) foi obra de escribas saduceus da época hasmoneia, de modo que os fariseus herdaram um texto já corrigido.

Para falar da gênese e do desenvolvimento da interpretação bíblica das épocas persa e helenística, diversos são os fatores a serem considerados: 1) os escritos tardios ou deutero-canônicos, tais como as coleções da literatura sapiencial e apocalíptica, interpretação e reflexão sobre os livros e tradições de época anterior, também os livros apócrifos, considerados sem valor para a coleção sagrada (cânion), mas que, sua leitura e interpretação, prosseguiram no esforço de atualização e de reescritura dos textos bíblicos; 2) muitos textos bíblicos já ofereciam dificuldades de intelecção, além de verdadeiras corrupções textuais, exigindo todo um esforço de interpretação; 3) momentos de ameaça de desintegração sócio-religiosa, como o exílio da Babilônia, fez necessária a criação de releitura e uma nova compreensão de velhos textos legais e tradições históricas; 4) a necessidade de traduzir textos sagrados do hebraico para a língua aramaica (LE DEAUT, 1988), e para língua grega, obrigava a um grande esforço de interpretação e de atualização dos textos hebraicos.

Para muitos autores, a Escritura é a primeira intérprete de si mesma. Um fenômeno de intertextualidade (TEUGELS, 1996). Desde o começo da tradição bíblica, a interpretação é parte integrante do seu texto. De acordo com Trebolle, “embora muito rudimentar, os livros do AT já conhecem os procedimentos de interpretação que mais tarde utilizou a exegese rabínica, tanto do tipo *peshat*, que trata de fundamentar na Escritura as normas legais não contempladas na Tora”. (TREBOLLE, 1996, p. 514). Os profetas clássicos do século 8 inspiraram-se em tradições antigas para interpretar os acontecimentos de sua época. Seus discípulos não fizeram outra coisa do que continuar esse processo interpretativo, criando e recriando o texto. O processo da interpretação continuará, inclusive, depois da estabilização do texto.

Esse processo percorre, também, a formação do *corpus literarius* na esfera do Novo Testamento, em particular no âmbito da tradição paulina (REDALIÉ, 1994). O Judaísmo está, nesse período, totalmente conformado pela interpretação da Escritura. É o judaísmo do período farisaico que estabelece uma ponte entre a Torá revelada e a sua interpretação transmitida pela tradição, projetando, no Sinai, o início dessa relação. Desse modo, a interpretação revela novos significados, alcançados, não por revelação direta, mas pelo trabalho exegético. (LUST, 1997)

Na história da interpretação judaica, um dado importante é a tradição histórica, na qual o elemento hermenêutico reside na convicção de que a tradição é regra de exegese de textos sagrados (FISHBANE, 1991). Isto é, o contexto da recepção de textos torna-se critério hermenêutico para entender e reescrever outros textos. Isso porque, para eles, a revelação (fonte de autoridade e função do texto escrito) não era nem imediata, nem direta (WAL, 1996). Nessa perspectiva, “a Bíblia é o precipitado último de um longo processo exegético.” (TREBOLLE, 1996, p. 515). O texto bíblico nasceu, assim, imerso numa corrente de tradições orais. Ele foi sempre acompanhado por um corpo de comentários, a *Mishná* rabínica, a tradição oral por excelência do Judaísmo. (WEINGREEN, 1959)

Essa breve introdução permitiu-nos chegar às seguintes questões levantadas nos estudos sobre a LXX: 1) eram comuns as traduções de textos em ambientes judaicos? 2) quais idiomas interessaram à produção literária na Palestina ou nas Diásporas (Egito e Babilônia)? Para Harl,

la traduction de la Torah grec a été décidée et réalisée dans un milieu juif ou le grec était une langue pratiquée (...) Langue de tous ceux qui partageaient le mode de vie des dominants gréco-macédoniens. Aussi la Septante n'est-elle pas, pour le judaïsme de cette époque, une entreprise aberrante: elle correspond à cette ample phénomène linguistique, le partage d'une même langue pour ceux qui constituaient alors le monde civilisé, laissant le "barbares" à leurs dialectes nationaux. (HARL, 1992, p. 18)

A obra de tradução em grego da Torá, portanto, não sendo uma "empresa aberrante" e correspondendo ao meio de vida dos judeus e dos povos ditos civilizados pelo helenismo greco-macedônio, impunha-se como uma necessidade da comunidade judaica em Alexandria?

2.2 A tradução dos LXX ou Septuaginta

Para Harl,

La version grecque a son originalité: elle ne dit pas exactement en grec, ici ou là, ce que dit le texte hébreu; elle offre des interprétations différentes de celles qu'ont retenues les massorètes et révèle des tendances exégétiques, littéraires ou théologiques propres aux divers traducteurs. (HARL, 1992, p. 26)

Que a decisão de traduzir a Torá tenha sido uma demanda do Rei Ptolomeu, (DORIVAL, 1988) ou como uma iniciativa da comunidade judaica de Alexandria, não importa. Na verdade, a tradução seria uma resposta às questões e ao lugar dos judeus na diáspora. Uma obra que dialoga e responde às questões de ouvintes/leitores localizados, na forma de um "processo de comunicação literária" (ISER, 1986). Harl afirma:

La Septante, ou du moins le Pentateuque grec, est un produit du judaïsme alexandrin ou s'expriment la foi et les idées de la communauté juive telles qu'elles précisaient alors, en ce temps et ce lieu' (HARL, 1986, p. 7). E, é certo, que esta obra de tradução exprime uma intenção bem clara, "fournir aux destinataires de leur version la Loi juive en un texte à la fois fidèle et intelligible. (HARL, 1986, p. 8)

Para Harl, esta exigência de contextualização da LXX evita uma análise fantasiosa sobre o colorido multilinguístico do texto (hebraísmos, aramaísmos, latinismos) que levou muitos estudiosos a postular a qualidade literária e gramatical do texto grego como "ruim", de "pouca qualidade". Ao contrário, o postulado de Harl seguirá a noção "linguística na qual uma língua é uma demanda de sentido de seus leitores". Sendo assim, "ce grec avait sens pour les lecteurs", pode-se afirmar que aquele texto grego fazia sentido para os seus leitores, naquele contexto.

Além disso, o empreendimento dessa tradução grega da Torá, segundo Harl, é marcado por uma dupla e bem precisa promoção: De uma parte, a Torá é, nesse momento, considerada como um "código de leis" suscetível de ser levado ao conhecimento de todos os povos "civilizados", ao sair do mundo fechado no círculo dos poucos conhecedores do hebraico. De outra parte, o

grego era aceito pelos judeus como uma língua digna de expressar as “coisas sagradas”. Dessa forma, a Torá grega poderia se dirigir ao vasto mundo helenístico. (PREAUX, 1975)

No entanto, para entendermos as razões das revisões (TOV, 1984), e por fim, da rejeição do texto pela ortodoxia judaica, já na era cristã, duas condições se impunham como *sine qua non*: a fidelidade ao texto sagrado (ou texto-fonte) e cumprimento da função de qualquer boa tradução: ser inteligível ao leitor/ouvinte helênico. Para Harl,

produit d'un milieu juif bilingüe, la Bible grecque pouvait s'adresser au vaste monde des hellénophones à condition que soient conciliés deux impératifs: respecter le texte-source (l'hébreu), donner un texte intelligible dans la langue-cible (le grec). (HARL, 1992, p. 19)

2. 3 Os ‘significados’ da tradução dos Setenta: um texto na “Comunidade de leitores” do judaísmo alexandrino

A existência da LXX, uma versão da Bíblia hebraica em grego possibilita, ainda, uma visão mais crítica sobre as relações entre o texto e seus leitores. Isto é, um aprofundamento sobre esta tradução e sua função estética na vida religiosa e cultural das comunidades judaicas no Egito (DORIVAL, 1988, p. 31-38). O primeiro elemento que Harl levanta sobre a natureza e a função do texto é a tradução. O segundo, o seu idioma literário, pois este é a afirmação de que se trata, sobretudo, de um texto bíblico. Sobre a tradução e a competência linguística dos tradutores a autora coloca-se em guarda contra algumas concepções sobre a árdua e complexa tarefa que significou a realização da LXX. Assim,

si l'on accepte de dire qu'un langage n'est pas un code réduit au lexique, ni la traduction un transcodage; si l'on reconnaît qu'une traduction ne se fait pas complètement signe par signe mais par unité de discours, on définit alors toute traduction come une ouvre d'intelligence, de goût, d'attention aux bons choix entre les exigences parfois contradictoires de deux langues”. (HARL, 1992, p. 21-22)

Uma obra de inteligência, de gosto e atenção às boas escolhas, diante de situações que não são transcódificações entre duas línguas. Nem por isso se pode ignorar que o conjunto da tradução terá graus diversos de aproximação entre o texto-fonte, o hebraico e o texto da versão. Segundo Harl,

*on s'accorde aujourd'hui à reconnaître qu'entre la traduction *ad verbum* et la traduction *ad sensum* les traducteurs de la Septante ont dans l'ensemble, à des degrés divers, privilégié le respect du text hebreu”. (HARL, 1992, p. 22)*

Esse respeito não servil ao texto hebreu reflete não somente competência, mas, também sua função sócio-religiosa. A LXX teria sido, então, uma tradução para as sinagogas das comunidades judaicas de língua grega? (BARC, 1995). Para Harl, a LXX é um texto judaico que exprime em grego uma teologia, uma piedade, as ideias judaicas (HARL, 1986). Em outras palavras, a tradução deve, também, respeitar o largo contexto religioso vivido no processo de “inculturação” das diásporas, e por isso, o texto da LXX reflete a língua *koiné*, o grego comum e difuso naquele período. O que importa compreender sobre a “língua de Japhet” é que esse grego difuso (*koiné*) servia às intenções da helenização. Espalhada por grandes extensões

geográficas e níveis sociais, ela pode adotar expressões dialetais, expressões de uma língua falada, portanto, suportar as características de uma língua popular (HARL, 1998):

La koinè dispose de moyens de suffixation et surtout de préfixation qui rendent facile la création de mots nouveaux, aisément compréhensibles à partir de mots anciens'. De plus, le grec a une longue tradition d'emplos métaphoriques qui rend également apte à imiter le langage imagé de la Bible. (HARL, 1992, p. 23-24).

Aqui, dois aspectos são extremamente relevantes. De um lado, a utilização da língua grega difusa exprime uma estratégia de manter, por sua "maleabilidade" helenística, um respeito ao estilo do texto traduzido, ou ainda segundo, Harl, "*le texte hébreu n'a pas été transformé en longues périodes à la mode grecque! La Septante a son propre style, qui est le style 'biblique' passe en grec*" (HARL, 1992, p. 22-23). Do outro, esse "estilo" bíblico que se reconhece na textura da LXX implica a concepção dos efeitos das escolhas dos tradutores de imitar a função estética do texto hebraico. Por isso, a Setenta exprime uma "comunidade interpretante". Os melhores motivos para essa tradução para o grego seriam os "receptores" de uma mensagem, que, ao mesmo tempo em que esta ultrapassa as fronteiras da língua de origem, e se dispõe a conservar a dialética de ser judeu (religioso) num bilinguismo que os torna ativos na construção do grego apto aos efeitos do texto sagrado (portanto, hebraico) por meio do abandono do servilismo literal.

Harl sublinha, assim, que não se trata de uma transcrição mecânica, nem de uma desnaturação do grego por parte de ouvintes ignorantes da língua originária da Torá, mas que a função do texto grego é a recepção exegética da mensagem da Bíblia hebraica. Então, para Harl,

Je m'attacherai plutôt montrer ici que les "récepteurs" de la Septante, dans l'Antiquité ont leurs moyens de bien comprendre, globalement, le sens de la Bible (...) Par "récepteur" de la Septante j'entends non pas le lecteur occasionnel et superficiel, mais celui qui fait un effort de lecture attentive, recherche les sens, et devient, au vrai sens du mot, exégète. (HARL, 1992, p. 26).

O texto grego da LXX, assim, possui como ponto mais alto de sua natureza de tradução uma dimensão mística, isto é, segundo Harl, "*les "sens" d'un texte, quel qu'il soit, peut être reçu malgré les défaillances de la langue qui l'exprime*". Essa insuficiência da linguagem geraria um recurso que qualifica melhor a linguagem, na medida em que o texto mostra e transmite, pela emoção, muito além do que exprime:

Les "hebraïsmes" maintenus dans le grec de la Septante jouent un rôle important pour cette écoute: faisant contraste avec le grec courant de la koiné, ils attirent l'attention sur ce qui est spécifique de la Bible. (HARL, 1992, p. 29).

Assim, aparentes deficiências tornam-se, no fundo, estratégias dos jogos de leituras dessa comunidade de leitores (BONFIL, 2004), que em meio à cultura helênica, perseveraram no sagrado dever de ouvir as Escrituras:

laer"fyI [m;Ûv): 'kai. evka, lesen Mwush/j pa,nta IsrahI kai. ei=pen pro:j auytou,j a;koue IsrahI ta. dikaiw,mata kai. ta. kri,mata o[sa evgw.

lalw/ evn toi/j wvsi.n u`mw/n evn th/l h`me,ra| tau,th| kai.
maqh,sesqe auvta. kai. fula,xesqe poiei/n auvta. (LXX, Deut. 5:1)

Passemos à terceira parte deste artigo com o aparte teórico de Marguerite Harl: “Aussi la Septante a-t-elle bien transmis aux chrétiens ‘la Bible’. La langue de ‘Japhet’ a exprimée pour ce qu’elle avait appris ‘dans le tentes de Sem’.” (HARL, 1992, p. 29).

3. LXX: O “AT” do Cristianismo bíblico e Patrístico?

Plusieurs siècles de traduction, davantage encore de “reception” de la version grecque de la Bible: c’est un long moment de l’histoire du Judaïsme et du Christianisme que marque l’usage de la langue des Grecs pour dire l’héritage des Hébreus.

Marguerite Harl

Como fizemos alusão no início deste artigo, a tradução grega da Torá obteve grande fortuna crítica tanto no Oriente, como no Ocidente, na era cristã. No Ocidente, as intervenções de Santo Agostinho e, sobretudo, a tradução latina, a “Vulgata”, de São Jerônimo, destacam, já, no século V, a importância da Setenta na formação da espiritualidade, da teologia e do pensamento cristão. Segundo Harl,

Au delà de l’intérêt que présent la Septante comme produit spécifique du Judaïsme alexandrin, elle est de plus la source des lectures chrétiennes: les chrétiens ayant reçu comme Bible cette Bible grecque, comment l’ont-ils à leur tour comprise et interprétée? Comment y ont-ils vu une préparation de l’Évangile? (HARL, 1986, p. 9)

O contexto da formação do cânone cristão implicou a decisão pela formação de um cânone propriamente judaico, aquele do chamado Antigo Testamento. (PENNA, BEAUCHAMP, 2000) Para Harl,

pour l’historicien du Christianisme ancien et surtout pour le spécialiste des Peres grecs, La Septante est un point de passage qui introduit au Nouveau Testament et forme avec celui-ci le texte de référence pour la plupart des mots exprimant la foi nouvelle. (HARL, 1986, p. 9)

3.1 As diversas “traduções” da Bíblia dos LXX

Segundo Harl, o que está em jogo, na verdade, é a questão da passagem feita pela tradução greco-helenística da Torá, para uma perspectiva cristã, isto é, uma hermenêutica própria dos textos véterotestamentários, por parte das comunidades cristãs, ainda em diáspora, na direção e ao encontro do universo pagão (helenista) da Ásia Menor (HARL, 1992, p. 253-266). Harl indaga:

comment la LXX, oeuvre juive, est-elle devenue l’“AT” de la jeune Église chrétienne? Quel sont des phénomènes de continuité ou de rupture qui caractérisent ce moment de son histoire? Ses formulations

grecques ont'elles joué un rôle déterminant pour l'expression de la foi nouvelle? (HARL, 1988, p. 269)

Primeiramente Harl recorda que, são diversas as heranças do patrimônio literário judaico recebido na elaboração redacional e teológica do Novo Testamento. Assim, "*la LXX n'est pas l'unique source des traditions juives pour les rédacteurs du NT. Une réflexion sur le passage de la Bible Juive à l'Église ancienne doit prendre en compte un vaste domaine*". (HARL, 1988, p. 269). Trata-se de toda uma literatura judaica pós-bíblica, de tradições interpretativas da história dos antigos hebreus que, os primeiros cristãos não ignoravam.

Nesse mesmo período, René Le Deaut, ao estudar os *Targums*, apresentava à pesquisa do NT o expressivo influxo dessa literatura homilética, em língua aramaica, isto é, a influência da tradição haggádica (oralidade) na escrita neotestamentária:

Les auteurs du NT en se réfèrent à tel ou tel passage de l'Ancien, avaient présent à l'esprit tout l'arrière-plan aggadique et pas seulement l'original hébreu ou sa traduction (grecque ou araméenne suivant les cas): les divers éléments de cette tradition voltigent dans leur esprit et peuvent, à l'improviste, intervenir dans l'exposé. (LE DEAUT, 1965, p.61)

Destaco entre as muitas obras do período intertestamentário (VERMES, 1983), a de Filão de Alexandria (TERMINI, 2000), que representava a recepção da exegese helenista na base da interpretação do Judaísmo da Diáspora. Por intermédio do sentido alegórico, ele intentava superar os passos obscuros e abrir a inteligência das Escrituras. A alegoria entendida por Filão era, sobretudo, baseada numa perspectiva vertical, ou seja, o sentido literal, para ele, refere-se ao conteúdo moral, e as realidades terrestres se referem às celestes (SIMONETTI, 1985, PÉPIN, 1987). Sua influência sobre o cristianismo antigo é indiscutível:

L'oeuvre même de Philon sera de la plus grande importance dans la formation de l'exégèse chrétienne, car les Peres ont admirer ce commentateur juif du Pentateuque, ils ont préservé son oeuvre de l'oubli et ont repris d'une des ses interprétations. (HARL, 1988, p. 272)

3. 2 A Septuaginta: Santo Agostinho e a Vulgata de S. Jerônimo

Harl afirma:

On Occident, il en fut de même jusqu'à saint Augustain lui-même, puisque la Septante, passé en Afrique, y traduit en latin et ce "veilles (versions) latines", comme on les appelle, ne furent supplantées par la version de Jérôme fait sur l'hébreu qu'après la décision prise par les autorités ecclésiastiques et Jérôme lui-même de revenir à l'hebraica veritas. (HARL, 1988, p. 10)

Naquele momento, diversas formas da *Vetus Latina* (METZGER, 1968) circulavam pelo Império Romano. O termo *Vetus Latina*, afirma Trebolle, não se refere a uma tradução única e completa da Bíblia, mas designa o conjunto das traduções anteriores à Vulgata de Jerônimo. Essa tradução latina circula em Cartago desde o ano de 250, sem que se conheça documentação alguma atestando a existência de outras no resto do mundo cristão de expressão latina. (TREBOLLE, 1996, p. 417)

De fato, esses textos se difundiam em língua latina popular à medida que se sedimentava a ideia de um Cristianismo que iria cada vez mais fortemente, como ocorreu, centrar-se em torno da *Aeterna Civitas*, substituindo e dando novo suporte à antiga unidade política do Império Romano, que irá se perder:

When and where it was that earliest attempts were made to translate the Bible into Latin has been much disputed. In opinion of most scholars today the Gospels were first rendered into Latin during the Last quarter of the Second century in North Africa, where Carthage had become enamored of Roman Culture. Not long afterward translations were also made in Italy, Gaul, and elsewhere". (METZGER, 1968, p. 72)

É notória, aos estudiosos, a insatisfação de Santo Agostinho e com ele, todo o Cristianismo culto, diante da permanente e contínua revisão do texto latino (DOS SANTOS, 2005). Essas revisões, para considerar a fonte grega e os gostos da latinidade popular, multiplicavam-se ao infinito. Em sua obra, Simonetti apresenta esses dois mestres da latinidade exegética como simultaneamente coincidentes e discordantes. Assim,

pur essendo stati Girolamo e Agostino pressoché contemporanei, essi debbano esseri considerati rappresentanti di due distinti momenti della storia della cultura e delle lettere cristiane. (SIMONETTI, 1996, p. 21)

Enquanto para Santo Agostinho a LXX era, de certa maneira, inspirada:

Dal 400 in poi, Agostino usò la revisione geronimiana (Vulgata) dei quattro Vangeli nella sua Chiesa di Ippona, ma non adottò mai l'AT. Tradotto da Gerolamo dall'ebraico, sia perchè qualche altro vescovo aveva avuto reazioni (...) sia perchè aveva raggioni teologiche per preferire la LXX. La sua preferenza per la LXX si fondava sulla legenda aristeana accettata da Agostino...egli interpreta questo fatto come opera dello Spirito santo: 'Et latinis quibuslibet emendandis, graeci adhibeantur, in quibus Septuaginta interpretum, quod ad vetus Testamentum attinet, excellit auctoritas' (II, XV,2). (GRECH, 1986, p. 123)

Para São Jerônimo, ao contrário, trata-se de trazer ao latim a "verdade hebraica", com manuscritos mais originais. Na história da exegese do NT, a chamada "Vulgata" (assim denominada desde o século 16), realizada por São Jerônimo no século 4, e que a partir da época Carolíngia, tornou-se a versão divulgada e oficial da Igreja Latina, ocupa um lugar de destaque. Sua natureza não só responde à já citada insatisfação pela *vitiosissima varietas* criada pelas inúmeras versões e fontes da *Vetus Latina*, mas, sobretudo, por aquilo que todos os estudiosos classificam como *hebraica veritas*, unida ao crescente apreço ao texto grego alexandrino e aos manuscritos *unciais* gregos do século 4. Sendo assim,

su questo punto occorre menzionare anzitutto Girolamo, così impegnato nella scoperta della hebraica veritas, ossia nel risalire al testo originario della Bibbia, e che ha fatto la traduzione dell'Antico Testamento destinata a diventare normativa, come "Vulgata" per tutto

l'Occidente, soppiantando le altre forma testuali più antiche e inattendibili. (SIMONETTI, 1996, p. 376)

Pode-se afirmar, daí, que a tradição exegética latina, desde Tertuliano até a obra de São Jerônimo, coloca-se em continuidade com aquela advinda das escolas do Cristianismo Oriental. De modo geral, os tratados, homilias e comentários bíblicos latinos vão considerar o Novo Testamento, realização da profecia e, ao mesmo tempo, o ponto de vista hermenêutico do qual se pode ler profundamente o Antigo Testamento.

3. 3 Elementos específicos da LXX em suas relações literárias com os escritos cristãos

Para Harl,

c'est une banalité de dire que le NT s'est référé aux "Écritures" pour fonder sa théologie. Ces références aux Écritures sont-elles faites précisément à la version des LXX? Doivent-elles aux formulations grecques des traites spécifiques, ayant des conséquences théologiques? (HARL, 1988, p. 274).

Harl explora, também, as questões específicas que permitem reportar com segurança a pertinência de sua pergunta inicial sobre o significado da expressão "segundo as Escrituras" (1 Cor 15:3: 'kata. ta.j grafa.j') nos textos do NT. Isto é, sobre o uso das Escrituras, entendendo aqui, os textos gregos da LXX ou TM, ou ainda outras traduções nas formulações da Fé cristã primitiva e basilar.

Harl adverte, no entanto, que além de muitas outras dificuldades, esta empresa só pode ser executada, analisando cada livro em sua unidade e forma literárias específicas, trata-se, por isso, de uma tarefa complexa:

chaque livre du NT doit d'ailleurs être pris à part: une même citation peut se trouver sous deux, trois, quatre formes différentes dans ces divers livres. La tâche est donc complexe. (HARL, 1988, p. 274)

Do ponto de vista crítico, não se pode aceder a tais dados de modo imediato, há de se convir que a crítica textual (METZGER, 1968) é uma peça imprescindível na exposição positiva e exegética de um texto bíblico, apesar, de às vezes nos mergulhar em profundas e insolúveis dúvidas (RIZZI, 1998). E mesmo que se faça uma abordagem sincrônica do NT, sempre válida, não se pode escapar de problemas diacrônicos complexos (PESCE, 2001) e ainda sem sombra de síntese, por parte dos discutidores, sobre as origens da Escritura nas citações neotestamentária dos Evangelhos: *"On ne étonnerá pas de l'absence de toute synthèse sur ce sujet"*. (HARL, 1988, p. 274)

Ora chamando a atenção para *corpus* específicos das Escrituras hebraicas, como Moisés, os profetas, ou os Salmos, em geral, o Novo Testamento apela para uma função específica que caberia a esses escritos antes de Cristo (LONGENECKER, 1999): Jo 19:24: *i[na h` grafh. plhrwqh/| h` le,gousa* ou, segundo a Vulgata, *sit ut scriptura impleatur dicens*. Isto é, a "antiga" Aliança só pode continuar a ser lida "com sentido", à luz da sua radicalização ou do seu cumprimento escatológico, Lc 24:27: *kai. avrxa,menoj avpo. Mtwu?se,wj kai. avpo. pa,ntwn tw/n profhtw/n diermh, neusen avtoilj evn pa,saij tailj grafailj ta. peri. e`autou/* (ERNST, 1990).

Na consciência dos cristãos primitivos, a leitura messiânica das Escrituras supunha o Cristo pneumático (SIMONETTI, 1988; PENNA, 2003), que após a sua Ressurreição, interpreta e decifra a Lei e os Profetas, no tempo, como história (VANNI, 2002), assim, torna-se um instrumento de compreensão da sua ação histórico-salvífica, mas, também, de conflito com a exegese judaica. (HARL, 1992)

3. 4 Indícios de citação da LXX nos escritos do Novo Testamento

Mesmo não desejando generalizar as questões do uso da LXX nas citações véterotestamentárias do NT, Harl chama a atenção para o fato que, na maioria dos casos, as citações são conforme uma das formas da LXX (LUST, EYNIKEL, HAUSPIE, 1992, 1996). Nesse período, a oscilação entre os textos é grande, dadas as revisões hebraicas das traduções gregas, o que impede uma análise uniforme de todos os textos. Sendo assim, “Le fait essentiel est que la majorité des citations des livres de l’ dans le sont conformes au text de la LXX sous l’une de ses formes”. (HARL, 1988, p. 276)

Harl propõe, então, uma reorganização dos fenômenos de citação do A.T. grego no N.T. (GRECH, 1989) como forma de generalização que possibilite uma melhor compreensão destes complexos fenômenos. No primeiro grupo estariam as citações que transmitem conforme o texto da LXX uma forma divergente em relação ao TM. Ex. em At 14:17 lê-se uma citação de Am 9:11-12, na qual se percebe talvez, um jogo de palavras entre Adam e Edom: ‘*Adam (homme), a-t-il été lu à la place d’<Édom>?’* (HARL, 1988, p. 276). No segundo grupo estariam as citações que, acordadas umas às outras oriundas de revisões da Setenta (sobretudo a de Theodócio), seriam mais próximas do TM que da LXX. Exemplos: 1Cor 15:54, a citação de Is 25:8 não é conforme a forma da LXX nem do TM, mas de acordo com a revisão de Theodócio. No terceiro grupo estariam outras citações diferentes de todas as formas textuais gregas atualmente conhecidas. Exemplos: At 3:22 a citação grega de Dt 18:18 (nem LXX, nem TM).

Ela expõe as razões clássicas da Crítica Textual, qual seja, a de testemunhos de uma forma desconhecida, com a habitual citação à memória ou ainda como resultado de retoques estilísticos, entre outras explicações. No quarto grupo, estariam outras variantes textuais que se explicam por razões teológicas. Exemplos: Rm 10:20, uma série de textos são colocados à disposição da argumentação teológica de Paulo, dos quais se destaca Is 65:1. No quinto grupo estariam algumas variantes textuais que dão lugar a uma pluralidade de explicações simultâneas. Exemplos: Rm 11:26: o texto de Is 59:20 difere-se da LXX e do TM por diversos motivos, uma contaminação do Sl. 13:7: De Sião/por causa de Sião (TM), ou por uma falha paleográfica da preposição *ek* por “eis”, aliás, uma confusão gramatical muito usual no grego daquele período (BLASS-DEBRUNNER, 1982). No sexto e último seria quando uma mesma citação é encontrada em diversas formas. Exemplo: Zc 9:9 (entrada messiânica em Sião). Enquanto no LXX há um apelo à alegria (alegrai-vos, Filhas de Sião) em Mt 21:5 encontramos uma ordem de anúncio (dizei às filhas de Sião) que se torna em Jo 12:15, uma exortação (não choreis, filhas de Sião) nos lábios de Jesus.

Conclusão

Este texto concentrou-se em cotejar, na obra de Marguerite Harl, uma das mais importantes pesquisadoras sobre os estudos da Septuaginta da atualidade, a ênfase na tradução dos LXX, a formação de uma interpretação da Torá produzida na Diáspora judaico-helenista, como testemunho de uma das formas do Judaísmo antigo. Assim,

L'opinion scientifique moderne hesite encore à dire si ce phénomène considérable de traduction répondait aux besoins culturels et religieux de la communauté juive d'Alexandrie, hellénisée au point ne plus comprendre aisément l'hébreu, ou bien s'il y eut, de la part des rois Ptolémées et des sauvants qui les entouraient à la bibliothèque d'Alexandrie, le désir de connaître le lois selon lesquelles vivait une partie important de la population alexandrine. (HARL, 1986, p. 7)

Além disso, interessou à autora a questão da provável influência lexical e semântica da LXX na formação literária do Novo Testamento e, sobretudo, da história hermenêutica (teológico-espiritual) do Cristianismo antigo (LONGENECKER, 1992). O que a conduziu ao estudo da hipotética afirmação de que os escritores cristãos, de certa maneira, teriam forjado uma forma própria de língua grega vinculada ao idioma da LXX.

A propósito da publicação de *Patristic Greek Lexicon* (LAMPE, 1969), escreve Marguerite Harl:

D'abord, la physionomie d'ensemble du 'grec chrétien' se trouvi ici, obligatoirement, un peu déformée (...) Ce que les Chrétiens, justement, ont en commun avec les écrivains grecques de leur époque, dans la continuité de l'hellénisme, avec les évolutions normales d'une langue tardive" (HARL, 1992, p. 170-171).

Os estudos mais atuais de crítica textual do Novo Testamento e mesmo a recepção dos escritos canônicos, nos primeiros séculos cristãos (SEVRIN, 1989), parecem indicar, na "língua de Japhe", um vasto campo de relações manuscritas com a LXX, tanto lexicais como semânticas. (EHRMAN e HOLMES, 1995)

Para Harl, essas relações teriam sido responsáveis pela formação literária e hermenêutica dos escritos canônicos (Novo Testamento) e até dos escritores e teólogos (Padres) do Cristianismo Primitivo que, ao mesmo tempo, criaram seu idioma sob a língua *koiné* da Torá. Ou seja:

Le christianisme héritage d'un vocabulaire dont les emplois dans la LXX avaient modifié la valeur. Ces mutations de sens, liés aux contexte de la spiritualité juive postbiblique, sont ainsi enregistrées dans le grecques des chrétiens. (HARL, 1988, p. 316)

Ao longo de toda a sua argumentação, a autora, mesmo se interrogando, crê que a LXX foi também a Torá grega da tradição cristã:

Pour l'histoire du Christianisme ancien les leçons propres de la LXX expliquent-elles certains développements théologiques ou spirituels des chrétien de langue grecque, que n'explique pás le texte massoratique? Ont-elles un rôle déterminant? (HARL, 1988, p. 202; 1992, p. 29).

Resta dizer ainda, que os estudos judaicos, quando apreciados sob o ponto de vista da Torá grega de Alexandria, exprimem a expectativa de um diálogo sempre melhor entre essas duas grandes e veneráveis "comunidades" de Leitura e de Interpretação do "Livro Sagrado" (PETRUCCI, 2004) numa mesma tenda:

L'usage du grec pour lire la Bible revêt une autre importance au cours des premiers siècles de l'ère: c'est alors le point de rencontre entre Juifs et Chrétiens, le lieu de leur discussions exégétiques, au delà même des écrits du Nouveau Testament. (HARL, 1992, p. 19)

* **Pedro Paulo Alves dos Santos** é Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de Roma, e Doutor em Estudos de Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Referências

- BARC, Bernard. *Du temple à la synagogue*. Essais d'interprétation des premiers targumismes de la Septante. In: DORIVAL, Gilles; MUNNICH, Odylle (Org.) *Selon les Septante: Hommage à Marguerite Harl*, Cerf, Paris, 1995, p. 11-26.
- BEAUCHAMP, Paul. Lecture christique de L' Ancien Testament. *Biblica 81* (2000), p. 105-15.
- BLASS-DEBRUNNER. *Grammatica del greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1982.
- BONFIL, Robert. Letture nelle Comunità ebraiche dell'Europa Occidentale in età Medievale. In: CAVALLO, Guglielmo. *Storia della lettura nel mondo occidentale*. Bari: Laterza, 2004, p. 155-197.
- PETRUCCI, Antonio. La Concezione cristiana del Libro fra il VI e VII secolo. In: CAVALLO, Guglielmo (Ed). *Libri e lettori nel Medioevo: Guida Storica e Critica*. Bari: Laterza, 2003, p. 3-26.
- De LUBAC, Henri. *L'exegese medieval. Les quatre sens de L'Écriture*. Paris: Aubier, Paris, 1958-1965.
- DORIVAL, Gilles e MUNNICH, Odylle (Org.) *Selon les Septante: Hommage à Marguerite Harl*. Paris: Cerf, 1995.
- DORIVAL, Gilles e MUNNICH, Odylle (Org.) Apperçu sur les Juifs en Egypte sous les Ptolomées. In: HARL, Marguerite et DORIVAL, Gilles et MUNNICH, Odylle. *La Bible Grecque des Septante*. p. 31-38.
- DOS SANTOS, Pedro Paulo Alves. *A tradição de leitura em Santo Agostinho: elementos essenciais da Exegese Patrística do Quarto Evangelho no contexto da África do Norte no Vº. Século, à luz de novas questões hermenêuticas*. In: DOS SANTOS, Pedro Paulo Alves (Org.) *Maria e a Eucaristia*. In: *Communio* 23/3 (2005), p. 107-147.
- EHRMAN, B.D. e HOLMES, M.W (Ed.) *The Text of The New Testament in Contemporary Research. Studies & Documents 46*. Michigan: Grands Rapids, 1995.
- ERNST, Josef. *Il Vangelo secondo Luca*. Brescia: Morcelliana, 1990.
- FISHBANE, Michael. *Biblical interpretation in Ancien Testament*. London: Clarendon, 1991.
- FISHBANE, Michael. *The exegetical imagination: on Jewish thought and theology*. London: Harvard, 1998.
- GRECH, Prosper. *I Principi ermeneutici di Sant'Agostino: una valutazione*. In: _____. *Ermeneutica e Teologia biblica*. Roma: Borla, 1986.
- GRECH, Prosper. *Ermeneutica dell'Antico Testamento nel Nuovo*. Roma: EdPIB, 1989.
- HARL, Marguerite. *La Bible D'Alexandrie*. Paris: Cerf, 1986.
- HARL, Marguerite. *Le Déchiffrement du Sens: Études sur l'Hermeneutique chrétienne d'Origène à Gregorie de Nyse*. Paris: Cerf, 1983.
- HARL, Marguerite. *La langue de Japhet: quinze études sur la Septante et le Grec des Chrétiens*. Paris: Cerf, 1992.
- HARL, Marguerite. *La Bible d'Alexandrie' et les études sur la Septante: reflexions sur une experience*. In: *Vigilae Christianae* 47, 1993, p. 313-340.
- HARL, Marguerite, DORIVAL, Gilles e MUNNICH, Odylle. *La Bible Grecque des Septante: Du Judaïsme Hellénistique au Christianisme Ancien*. Paris: Cerf, 1988.

- ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. v. 1 e 2. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LE DÉAUT, Renné. *Introduction à la Littérature Targumique*. Roma: P.I.B., 1988.
- LONGENECKER, R.N. *Biblical Exegesis in the Apostolic Period*. Michigan: W. Eerdmann, 1999.
- LUST, J., EYNIKEL, E., HAUSPIE, K. *A Greek-English Lexikon on the Septuagint: With collaboration of CHAMBERLAIN, G. Part I – K – W*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1996.
- LUST, J., EYNIKEL, E., HAUSPIE, K. *A Greek-English Lexikon on the Septuagint. Part II – A-I*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1992.
- LUST, J. e VERVENNE, M., *Deuteronomy and Deuteronomic Literature*. BETHEL 83 (1997), Louvain, [s. d.].
- METZGER, B. M. *The text of the New Testament: its transmission, corruption, and restoration*. Oxford: Clarendon, 1968.
- PENNA, Romano. *I Ritratti Originali di Gesù Il Cristo: Inizi e sviluppi della cristologia neotestamentária*. v. 1 e 2. Milano: San Paolo, 2003.
- PENNA, Romano. *Appunti sul come e perchè il Nuovo Testamento si rapporta all'Antico*. *Biblica* 81 (2000), p. 95-104.
- PÉPIN, Jean. *La tradition de l'Allegorie de Philon D'Alexandrie a Dante*. In: *Études Augustiniennes*. 2 tomes. Paris, 1987.
- PREAUX, Cl. *Le Monde Hellénistique: La Grèce et L'Orient 323-146 av. J. C.* Paris: PUF, 1978.
- REDALIÉ, Yann. *Paul après Paul*. Genève: Labor et Fides, 1994.
- SEVRIN, J.M. (Ed.). *The New Testament in Early Christianity*. BETHEL 86 (1989), Louvain.
- RIZZI, Giovanni. *Le Scritture tra i metodi storico-critici moderni e I principi ermeneutici fondamentali nel Giudaismo e nel Cristianesimo*. In: *Rivista Biblica* XLVI/2 (1998), p. 121-223.
- SIMONETTI, Mannlio. *Lettera e/o Allegoria: un contributo alla Storia dell'Esegesi Patristica*. In: Roma: SEA 23 (1985).
- SIMONETTI, Mannlio. *Cristologia giudeocristiana: Caratteri e limiti*. In: Roma: Augustianum 28 (1988), p. 51-65.
- SIMONETTI, Mannlio. *Letteratura cristiana antica: Testi originali a fronte*. 3 vols. Roma: Piemme, 1996.
- TERMINI, Claudio. *Le potenze di Dio: studio su dunamis in Filone di Alessandria*. In: Roma: SEA 71 (2000).
- TEUGELS, G. *Did Moses Se the Chariot?: The Link between Exod 19-20 and Ez 1 in Early Jewish Interpretation*. In: VERVENNE, M. *Studies in Book of Exodus: Redaction – Reception – Interpretation*. Louvain: BETHEL 76 (1996), p. 595-603.
- TOV, Emanuel. *The Rabbinic Tradition concerning the 'Alterations' insert into the Greek Pentateuch and their Relation to the Original Text of the LXX*. *Journal for the Study of Judaism* 15 (1984), p. 65-89.
- TREBOLLE, Juan Barrera. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- VANNI, Ugo. *Tempo ed Eternità nell'Apocalissi: Traccia per uma riflessione teológico bíblica*. In: CASALEGNO, Alberto (Org.). *Tempo e Eternità: in Dialogo con Ugo Vanni S.I.* Milano: San Paolo, 2002, p. 25-72.
- VERMES, Geza. *La Literature Juive intertestamentaire à la Lumière d'un siècle de recherches et decouvertes*. In: KUNTZMANN, R. e SCHLOSSER, J. (Org.). *Études sur le Judaïsme Hellénistique*. Paris: Cerf, 1983, p. 19-40.
- WAL, A. Van der. *Themes from Exodus in Jeremiah 30-31*. In: VERVENNE, M. *Studies in Book of Exodus: Redaction – Reception – Interpretation*. Louvain: BETHEL 76 (1996), p. 559-566.
- WEINGREEN, J. *From Bible to Mishna: the continuity of tradition*. Orford, 1959.